



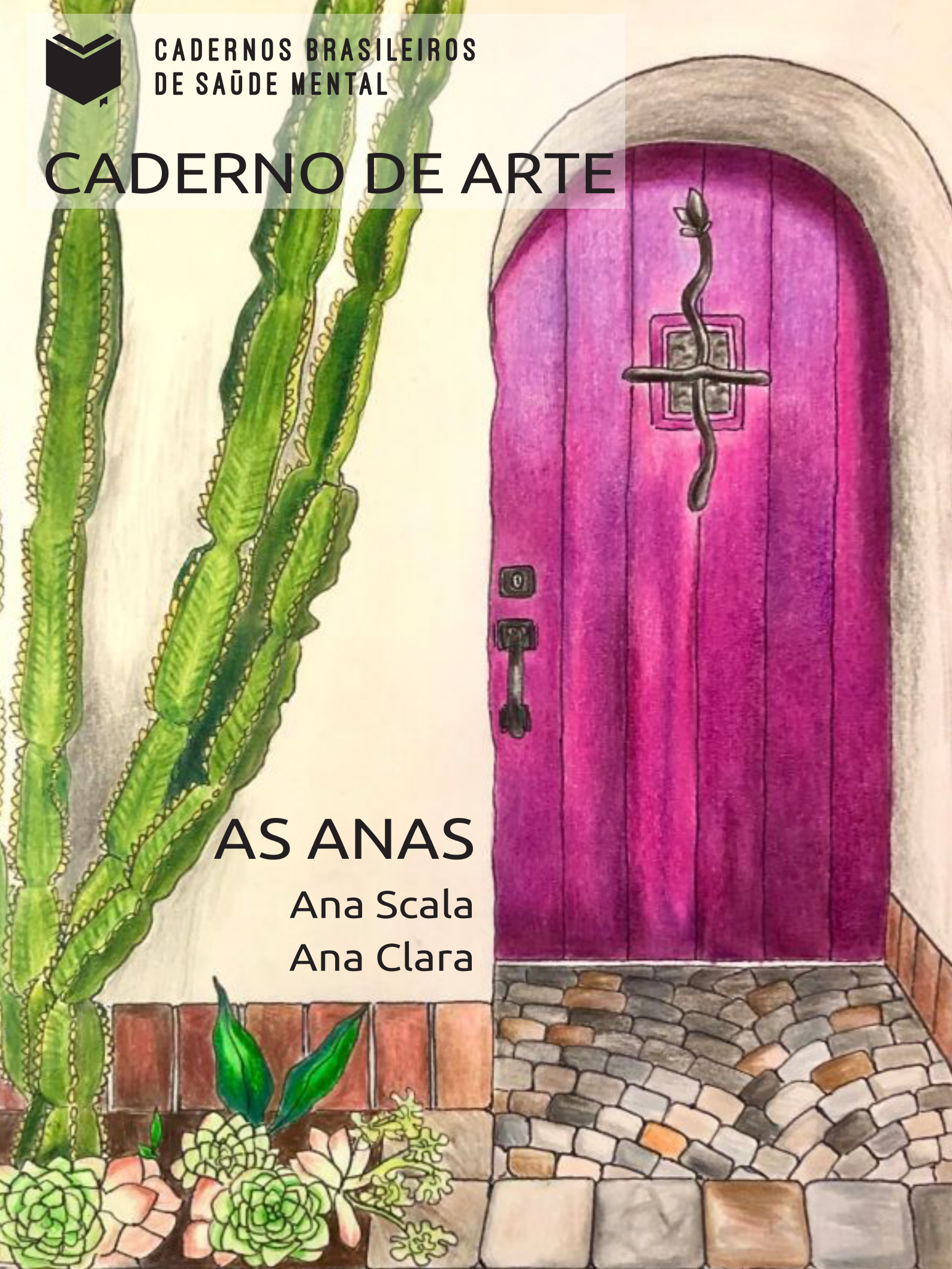
CADERNOS BRASILEIROS  
DE SAÚDE MENTAL

# CADERNO DE ARTE

## AS ANAS

Ana Scala

Ana Clara



## APRESENTAÇÃO

**Ana Scala** tem 16 anos, é nascida e residente em Brasília, é uma artista desde pequena.

Figura 1: Juventude conspiratória



Fonte: Ana Scala, 2019.

**Ana Clara** tem 8 anos, também nascida e residente em Brasília, é uma pequena artista. Figura2: Menina do Amor



Fonte: Ana Clara, 2020.

## Ana Scala

Ana Carolina Alves conta que sempre esteve com um lápis na mão, e que foi crescendo e buscando outras artes, atualmente tem investido na música. “A arte para mim é um alívio, uma válvula de escape, uma fuga da realidade, não só uma fuga da realidade, a arte me ajudou a enxergar a beleza da realidade.” (ANA SCALA, 17 de abril de 2020)”

Entende-se adolescente, e a arte como linguagem que corporifica e situa sua experiência, mas não só, a arte tornou-se para Ana possibilidade de experiência emocional que estava limitada por sofrimentos inerentes à sua transição.

Em 1963, Winnicott publica um texto falando sobre a comunicação e a falta da mesma, salientando a importância da segunda quando a mesma não se torna uma vivência de sofrimento. Winnicott aborda a comunicação silenciosa com os objetos significativos, com o intocável e incomunicável do humano.

“Hoje em dia sou grata à arte não só como artista, mas também como amante (...).Durante um período conturbado da minha vida, a pré-adolescência, me fechei bastante pro mundo real e artístico. Eu havia me tornado uma menina presa entre muros de gelo. Mas o tempo e o fogo do amor me fez vencer essas barreiras.(...) Sentir é a coisa mais importante pra mim, pois assim sei que posso viver, sinto-me viva. É o único caminho pelo qual se aprende.” (ANA SCALA, 17 de abril de 2020)

As mulheres que desenha, apesar de achar que apenas por habilidade e costume, narram a feminilidade construída, referências do feminino e de seus adereços. Roupas, maquiagens, adornos, são nitidamente importantes na sua obra, além de um elemento invasor de significados infindos, o cactus. Nenhuma análise é necessária, ressalta-se aqui o contato com estes elementos que compõem o sentir de uma jovem silenciada por seus conflitos e que evoca por meio da cor e traço a palavra e seu próprio contorno como mulher.

Figura 3: A garota e os cactos



Fonte: Ana Scala, 2018.

As mulheres de Ana Scala acompanham tendências da estação, expressam a efemeridade da arte, dos tempos, do corpo que se transforma. Um embate teórico se dá em torno do tema arte e moda, discutindo a funcionalidade de cada uma e caráter social ou coercitivo, a moda de Ana não se dirige a composição de um estilo para consumo alheio, aponta mais para um reconhecimento de composição de identidades. Ana se veste para as estações que passam.

Figura 4: Coleção estações



Fonte: Ana Scala, 2019-2020.

Figura 5: Coleção estações



Fonte: Ana Scala, 2019.

Figura 6: Coleção estações



Fonte: Ana Scala, 2019-2020.

Figura 7: Coleção estações



Fonte: Ana Scala, 2019.

Figura 8: Coleção estações



Fonte: Ana Scala, 2019.

Figura 9: Coleção estações



Fonte: Ana Scala, 2019-2020.

“Minha transição foi muito conflituosa, passei por muita coisa. Era onde eu colocava o mínimo do que eu conseguia dizer. Eu não conseguia falar muito mas era através da arte que eu me expressava, que eu me colocava o que se passava na minha cabeça, mesmo que ninguém entendesse, acho que quase ninguém tentava entender.” (ANA SCALA, 17 de abril de 2020)

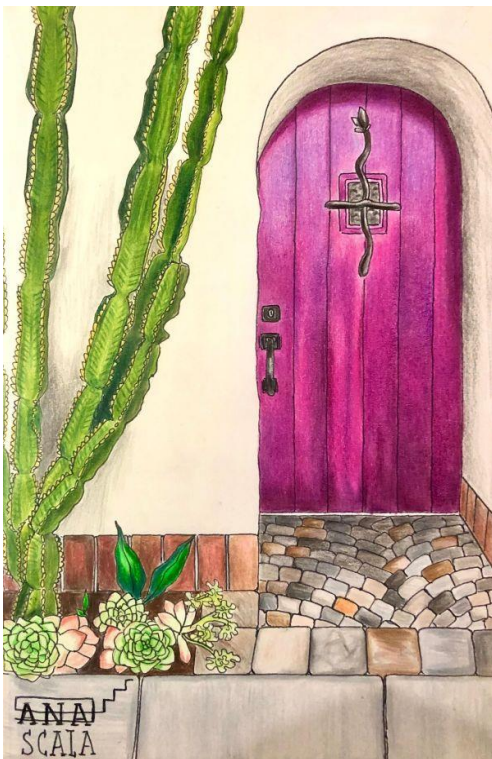
Figura 10: Alice no País das maravilhas Luca e a gata risonha



Fonte: Ana Scala, 2017-2018.

“A arte tem contribuição na saúde mental de qualquer um, inclusive pra mim. Eu vou dizer mais de consumir e não de fazer, eu acho que muita coisa que eu consumi de arte, isso ajudou bastante em vários quesitos da minha mentalidade atual, do meu amadurecimento principalmente. Muitas vezes me fazendo refletir sobre muitas muitas questões. Eu gosto muito disso na arte, qualquer coisa você pode indagar qualquer coisa, qualquer questão. Você aprende com aquilo que você viu e você passa a procurar em você mesmo, você tenta se observar para poder ver se aquilo faz sentido. É como você tentar investigar aquilo, acho que a arte faz isso muito bem, ela indaga as pessoas para se auto conhecerem, o que é ótimo. Bom, as vezes você percebe coisas que não são tão boas assim em relação a você, mas você passa a compreender melhor o que tá passando na sua cabeça e as vezes isso ajuda bastante na hora de vc diferenciar um transtorno de algo que acontece, por exemplo na depressão, eu, depois de consumir bastante coisa (de arte) me fez refletir bastante a respeito de coisa que eu fazia, que eu pensava que eu falava durante essa época. Me fez diferenciar o que realmente acontecia, a realidade perante a minha cegueira desse problema.” (ANA SCALA, 17 de abril de 2020).

Figura 11: Uma porta que encontrei



Fonte: Ana Scala, 2020.

## Ana Clara

Ana Clara Santos Souza cursa o terceiro ano do ensino fundamental. Estimulada desde pequena a se expressar de forma artística brinca com argila, tinta e lápis de cor. Aos dois anos de idade lhe foi permitido desenhar com giz especial no banheiro o qual se tornou seu primeiro atelier e galeria de arte.

O banheiro, lugar tão íntimo em que poucos circulam. Não se trata de um espaço coletivo, o banheiro na sociedade individualista e privada, é para um. Lugar dos expurgos ou das produções que não devem ser expostas. Lugar também de descoberta, de ouvir a própria voz num eco sob o chuveiro quente. Um dos únicos lugares que talvez se possa ser mais gente, menos vigiado. A liberdade e intimidade deste espaço permitiu a Ana começar o seu legado na arte, querendo ser achada.

Figura 12: Africa



Fonte: Ana Clara, 2019.

O isolamento é parte do brincar, do lúdico, o brincar sozinho conecta o brincante ao seu eu mais particular, e o mantém preservado. Winnicott faz analogia



do isolamento necessário com o jogo de esconder, lembrando o prazer em estar escondido e o pavor de não ser encontrado (WINNICOTT, 1963)

O mundo do afeto e sua comunicação sensível com os animais são colorizados. Traduz-se Ana por seus desenhos? Ora, alguns autores estudiosos de testes projetivos acreditam que algo pode ser dito a partir de de um desenho, cor, traço escolhido. Por outro lado Winnicott (1963) aponta por um núcleo não narrável, silencioso, que nenhuma linguagem poderia definir, mas que em seu contato com os mundos explícitos cria um “espaço potencial”, lugar de gestação de infindas possibilidades do encontro eu-mundo.

Figura 13: Fifi



Fonte: Ana Clara, 2019.

Nise da Silveira foi grande amante das artes e dos animais, um ícone da história do cuidado em saúde mental no Brasil propunha potência e afeto no lugar de isolamento e humilhação. Para Nise (FERNANDES, 2015) os cães tinham grande valor na relação do sujeito com o mundo, pois eram estáveis, não ofereciam grandes frustrações e doavam carinho incondicionalmente. Os gatos por sua vez eram mais discretos e ariscos, o que ela associou com a maneira de alguns pacientes de demonstrar afeto. A arte por sua vez, era movida por forças múltiplas, para esta psiquiatra não se fazia arte sozinho, o artista era acompanhado de muitas influências vitais: mundo, arquétipos, história, contexto, desejo.

Neste caminho, olhar os animais de Ana, parece tocar um lugar seguro de afeto, que existe fora e dentro da mesma, é comunicar e silenciar ao mesmo tempo. Neste sentido a arte não é linguagem interpretável, que se possa explicar, ela é a coisa em si que supera as palavras.

Figura 14: Cachorro Elegante



Fonte: Ana Clara, 2019.

A segunda exposição de Ana Clara aconteceu aos seus 7 anos de idade junto ao grupo de arteterapia, foi realizada em uma galeria aberta ao público. Indica em relatos que a arte a tem ajudado a ficar mais calma, mais criativa e a perceber os erros e acertos de uma forma diferente, ou seja, age diretamente nos limiares de exigência e frustração.

Figura 15: A menina do amor



Fonte: Ana Clara, 2020.

Ana Clara e sua mãe contam que um rolo de papel higiênico, um desenho na televisão, tudo de seu mundo lhe pode ser inspiração. Nos seus desenhos registra sua característica, sua sensibilidade. O desenho recolora a vida ao seu redor.

As Anas crescem com arte, de alguma forma enxergamos nos seus trabalhos saídas para a subjetividade por vezes amarrada a virtualidade do mundo atual. A criança no campo da saúde mental tem seu espaço não generalizável, seu lugar de ser independentemente do adulto que será, ela é. O traço infantil a conecta com uma maturidade própria, cores e diálogos que estão se construindo, seu mundo é ainda mais genuíno e sua imprecisão psicomotora a torna imune à críticas e categorizações. Quantos artistas buscaram a ingenuidade e coloração infantis para trazer algo “puro” e “inocente” que rompesse com lógicas já acordadas e autorizadas pelos adultos. Ser criança sendo, é possível no brincar e na criatividade, a arte traz ambos os atos.

Quanto ao adolescente, esse ser em transição, queria ser considerado criança quando seu corpo já indica outro lugar? Queria ser chamado adulto, enquanto ainda entende quem é, quem foi, quem será?

A questão não é estar de passagem numa configuração orgânica e psíquica, é ser símbolo deste espaço entre o lúdico e o trabalho. Adolescência é espaço potencial, em que se cria um nós ou os nós, que criarão laços ou distanciamentos, que desenharão identidades ou remendos. Não estaremos prontos ao final deste ato, não. Estamos sempre em amadurecimento, em construção, somos obra inacabada, logo sempre haverá um traço para dar continuidade.

A arte é inerente à existência humana e sim, sempre está pelas metades, ela se conclui no olhar de quem a admira, como diz Ana Scala, ela sempre indaga.

*“A essas meninas, moças, mulheres, a minha palavra grata.”* Fernanda Noca.

## REFERÊNCIAS

FERNANDES, S.M. B. A. Nise da Silveira e a Saúde Mental no Brasil: um itinerário de resistência.(tese de doutorado). Natal: UFRN, 2015.

WINNICOTT, D. W. Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos (1963). In: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes médicas, 1983, p. 163-174.